

# AGRONEGÓCIO

Nesta edição...

*Agronegócio em Cabo Verde*

*Lançamento de Prémios Agronegócio*

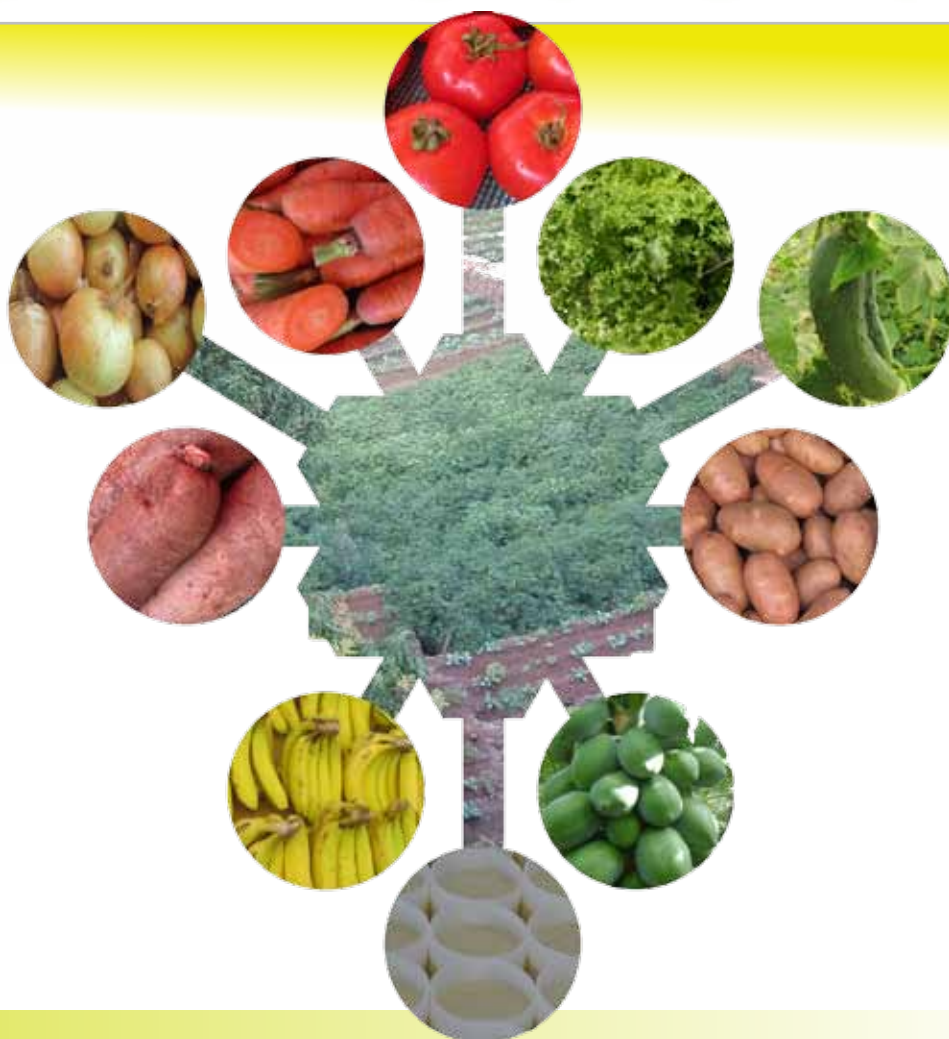
*Casos de Sucesso*

(\* Monte Negro e Cooperativa 13 de Novembro)

(\* Agricultora/produtora, Comunidade Terapêutica Granja de São Felipe e seu Testemunho)

*1ª Feira Internacional do Agronegócio*

*Centros de Apoio*



## Uma prioridade na Agenda do Governo

O sector AGRONEGÓCIO é chave para alcançar a visão nacional de construir **“uma nação inclusiva, justa e próspera para todos”**. Sem um sector agrícola robusto e modernizado, uma alta percentagem da população residente nas zonas rurais será deixada à margem da economia, a pobreza irá crescer, a desigualdade irá subir e Cabo Verde não atingirá a visão proposta.

DECRP III



## O Desenvolvimento do Agronegócio em Cabo Verde

**O nosso objetivo aqui é permitir o entendimento do Conceito de Agronegócio, além de apresentar os principais elementos formadores do agronegócio e os requisitos chave para uma intervenção bem-sucedida. Pretendemos igualmente apresentar as principais linhas orientadoras para o desenvolvimento do agronegócio em Cabo Verde.**

A nova agricultura que se quer moderna e mais produtiva, virada para o mercado, necessita de ser alargada ao agronegócio. Boas políticas, um ambiente favorável ao negócio e um apoio estratégico do governo são necessários para ajudar o setor a atingir o seu potencial.

Recentemente, a agricultura passou a ser vista como um amplo e complexo sistema, que envolve todos que participam direta ou indiretamente no processo de abastecimento do mercado e dos consumidores, incluindo as **atividades à montante da produção e de pós-produção**, armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas. Ainda devemos adicionar a este conjunto, os serviços financeiros, de transporte, marketing, etc... Todas estas operações são elos de cadeias, que se tornaram cada vez mais complexos. Desta forma, passou-se a adotar o termo **agronegócio**, onde o produto agrícola tem passado a agregar mais e mais serviços, ultrapassando as fronteiras da “propriedade agro-pecuária” e igualmente da esfera da competência do sector público.

Para um agronegócio bem-sucedido, uma cadeia necessita de ter alguma vantagem comparativa e ser capaz de crescer; tem de ser criado um mercado local para o produto antes de visar os mercados regionais e internacionais. Paralelamente, a influência da própria indústria terá que acontecer para facilitar o envolvimento dos pequenos agricultores na cadeia.

É preciso haver empresas e organização de produtores que possam transformar uma oportunidade em realidade. Para isso, tem de haver intervenientes empenhados que abarquem a cadeia (associações de agricultores, financiadores, transformadores, retalhistas, governantes, etc.) e que possam exercer alguma influência. Por outro lado, tem de haver acesso ao financiamento e ao crescimento desses atores. Tam-

bém a infraestrutura do país ou região deve ser adequada para facilitar o crescimento. Por fim, o apoio de um governo empenhado com defensores dedicados tem sido crucial para superar estrangulamentos em áreas como a certificação, logística, acesso à terra e mesmo o diálogo com os doadores.

Em Cabo Verde, o Governo está a criar bases para o desenvolvimento do agronegócio cujos esforços incidiram na mobilização de água para agricultura, através de construção de infraestruturas hidráulicas (barragens, diques, perfurações, reservatórios, etc) e gestão de irrigação, com expansão de sistema gota-a-gota, introdução de novas tecnologias, investigação aplicada, serviços de extensão rural e construção de estradas rurais.

Os resultados têm sido um aumento da produção agrícola em pequena escala com orientação comercial. O subsector hortícola, por exemplo, tem registado grande evolução, com ganhos visíveis no aumento da produção e da produtividade, motivando uma mudança gradual na estrutura do sector primário. A introdução de novas tecnologias na fileira hortofrutícola, designadamente, novas espécies e variedades mais produtivas, mais resistentes às pragas e melhor adaptadas às condições climáticas assim como a massificação de técnicas de micro-irrigação, culturas protegidas e hidropónicas permitiu ao subsector um aumento na produção em geral e nos rendimentos associados. No entanto é necessário continuidade, porque este desafio não se resolve num dia, nem por uma entidade única.

Outros grandes desafios para o desenvolvimento do agro-negócio assenta em quatro áreas principais: Primeira, e mais importante, apoiar a ligação aos mercados e desenvolvimento de agro-indústrias, promovendo e facilitando a instalações físicas de infra-estruturas de logísticas e de transformação. Segunda, apoiar os empresários com competências empresariais e desenvolvimento técnico e, terceira, ajudar a ter acesso ao financiamento. Quarta área, reforçar a investigação aplicada e assistência técnica adaptada aos agronegócios.

O Governo definiu o Cluster de Agronegócios que é tido como um elemento crucial para a realização da visão de desenvolvimento de longo prazo e para a construção de um sector agrícola

la moderno e robusto que seja capaz de aumentar a produtividade e competir no mercado interno e global focando as exportações em determinados produtos de nicho. Assim sendo, as orientações vão no sentido de se concentrar as intervenções em zonas de infra-estruturas de mobilização da água, de forma a valorizar os recursos hídricos mobilizados e promover o acesso dos produtores às novas tecnologias de produção, de transformação e comercialização. Para o efeito deverão ser desenvolvidos acções que levem a organização da produção e dos produtores, elaboração de estudos de cadeias de valor e desenvolvimento de linhas específicas de investigação. Deve-se focalizar em produtos agrícolas de maior potencial de rendimento e que constituem reais oportunidades de negócios, as quais deverão ser organizados por fileira e trabalhados ao longo da cadeia de valor, contemplando os aspectos de pré-produção, produção, pós-produção, transformação/comercialização e os mercados finais. As intervenções deverão ser no sentido de melhorar a sua competitividade em todos os elos da cadeia de valor e reforçar a inserção em novos mercados.

De realçar que o desenvolvimento do agronegócio deve envolver atores públicos e privados, incluindo agricultores, num esforço para demonstrar que se pode concretizar um valor partilhado. Os agricultores são parte crucial de qualquer cadeia de valor agrícola. O desafio tem sido a sua melhor capacitação de modo a participarem de forma efectiva numa fase inicial da cadeia e terem, sobretudo, a consciência da importância do seu contributo para a cadeia no seu todo. Esse desafio será concretizado quando eles tiverem a consciência de que ao introduzir melhorias estarão a acrescentar valor à fase seguinte da cadeia. O objectivo final é produzir conforme as necessidades do mercado e da demanda do consumidor e do transformador.

**É preciso transformar uma oportunidade em realidade!!**

*Carla Tavares*  
Directora Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural



# Agronegócio em Cabo Verde

**Sendo um dos principais eixos do sistema produtivo, o agronegócio abrange toda relação comercial e industrial relacionada com a cadeia de produção do sector agrícola e pecuária, cujas actividades se relacionam. Nesse processo estão incorporados desde o/a fornecimento/aquisição de máquinas, equipamentos, insumos agrícolas, ao processo da industrialização, distribuição, pesquisa e demais serviços.**

Em Cabo Verde, o sector vem mostrando grandes progressos e a tendência aponta para um grande crescimento num futuro próximo. O desenvolvimento da cadeia que vai desde a produção até a comercialização é o factor chave para a tão almejada industrialização do sector, que actualmente se baseia, sobretudo, na produção artesanal, salvo algumas produções industriais de vinho, grogue avicultura e ração. A evolução do mercado turístico, aliado ao mercado da diáspora e ao mercado institucional tem mostrado uma potencialidade a explorar, como forma de se valorizar os produtos “di terra”.

As áreas de sequeiro e regadio caracterizam o regime de exploração de terras agrícolas no país. A agricultura de sequeiro é a mais praticada, com uma área cultivável que ronda os 25.828 hectares (ha), cuja exploração familiar, de subsistência, tem uma superfície média de 1,19 ha, distribuídos entre milho-feijões (95%), raízes e tubérculos. De realçar que a produção anual do milho, aleatória, cobre apenas 10% das necessidades de consumo nacional.

Com o problema de escassez de chuva (água) e conseqüentemente de alimentos, quer para o consumo quer para o comércio, investiu-se na agricultura de regadio onde produtos/hortícolas e fru-

tos frescos e diversos são garantidos durante todo o ano. São 2.732 ha de superfícies irrigadas, onde 1.227 ha são mantidos através de rega gota-a-gota, uma nova tecnologia de irrigação adoptada para garantir o desenvolvimento das plantas e a racionalização da água.

As novas tecnologias agrícolas têm representado grandes investimentos para aumentar a produção e fomentar o agronegócio, já que o crescimento de áreas cultiváveis devido aos sistemas de micro-irrigação, bem como a introdução de variedades melhoradas de hortícolas resistentes às doenças e pragas e adaptadas às condições agro-ecológicas do país, permitiram um aumento considerável da produção e dos rendimentos agrícolas. A área irrigada passou de 3.249 ha em 2010 para 3.783 ha em 2012, sendo 3.285ha em regime permanente. Hoje há mais ofertas nos mercados nacionais e uma maior diversidade, tanto em termos de quantidade como de qualidade. As culturas protegidas (estufa e hidroponia) também deram o seu contributo no aumento da qualidade da produção. Actualmente contabilizam-se 106 estufas e 19 unidades hidropónicas.

O programa do Governo para a VIII Legislatura tem como principal desafio, a construção de uma economia dinâmica, competitiva e inovadora. Uma das formas para vencer este desafio é o desenvolvimento da chamada “nova agricultura”, sus-





com o aumento e diversificação da produção local numa óptica de substituição dos produtos importados pelos produtos locais; com a focalização nas fileiras agrícolas com maior potencial de rendimento como por exemplo hortícolas (tomate, alface, cenoura, pepino, cebola), raízes e tubérculos (mandioca, batata comum), fruteiras (bananeira e papaveira); bem como através da investigação agrícola aplicada e transferência de conhecimentos e tecnologias, promoção do direito a alimentação e acesso aos serviços sociais, consolidação e requalificação ambiental e melhoria da qualidade de vida.

Até este momento já foram feitas intervenções nas bacias de: R<sup>a</sup> Grande Tarrafal, Picos, Engenhos, Ribeireta, Saltos, S.Miguel, e R<sup>a</sup> Grande Santiago (ST), Mosteiros (FG), Fajã (S.N), Paul (SA). Ainda estão em curso as intervenções integradas em 5 bacias hidrográficas (R<sup>a</sup> da Prata (S.N), Alto Mira, R<sup>a</sup> Torre (SA), Flamengos e Principal (ST) e mais 3 Bacias Hidrográficas da ilha Brava (Fajã d'Água, Sorno e Ferreiros) já beneficiaram de estudos e projectos técnicos. A meta é, até 2016, ter 11 BH com ordenamento realizado.

Nos últimos anos, o Governo tem feito notáveis investimentos no domínio da mobilização de água, construindo diques de captação e/ou retenção, perfurações e uso de energias renováveis na bombagem de água, com destaque para as barragens, o que permitiu um aumento da disponibilidade de água e a diminuição do seu custo para o uso na agricultura. São no total, 4 Barragens já concluídas, 3 (Canto Cagara, F. Gorda,

tentável e competitiva, capaz de satisfazer, não só as demandas do nosso mercado interno, como também responder aos desafios da segurança alimentar e nutricional. Neste contexto, conforme os documentos estratégicos do sector, o MDR pretende intensificar os esforços no sentido de continuar a modernizar a agricultura, mobilizando mais água através da construção de barragens e outras infraestruturas de mobilização e captação de água, de forma a expandir, cada vez mais, a superfície irrigada.

Ao cluster do agronegócio está sendo dada uma atenção especial, com a mobilização da água e ordenamento de bacias hidrográficas; com o acesso dos produtores às novas tecnologias de produção;



Banca Furado) em estado avançado de construção e mais 2 (Flamengos e Principal), cuja primeira pedra será lançada brevemente.

A investigação agrária tem constituído também um importante sector. A selecção e promoção de 19 novas espécies e variedades hortofrutícolas em diferentes épocas do ano e em diferentes condições, apontam para uma melhoria significativa da produção. O INIDA tem feito um trabalho muito meritório no domínio da investigação e introdução de novas espécies e variedades mais produtivas, resistentes às pragas e doenças, adaptadas às nossas condições climáticas a que se acrescenta a introdução de novos sistemas de produção e sistemas de micro-irrigação.

A construção dos Centros Pós-Colheita e a modernização das infra-estruturas rodoviárias, portos e aeroportos, que facilitam o transporte dos produtos são, também, investimentos já materializados para o alavancar do sector.

A cadeia hoteleira é apontada como a principal oportunidade de mercado mas, o mercado da diáspora é, igualmente, uma grande aposta, pois, oferece grandes oportunidades de negócios devido ao valor atribuído aos produtos “di terra”. Os mercados Institucionais (Escolas, Hospitais, Forças Armadas) são igualmente grandes oportunidades para o sector, numa óptica de substituição, paulatina, dos produtos importados pelos produtos locais.

Há algumas lacunas, ainda, a colmatar em termos de transporte inter-ilhas e do acesso ao crédito mas, mesmo assim, há registos de aumento significativo da produção hortofrutícola e uma diminuição na importação.

**“É preciso investir em políticas públicas que promovam o investimento privado no sector”,** afirma Carmen Costa coordenadora do agronegócio.

Por hora, a prioridade é focalizar nas fileiras agrícolas de maior potencial de rendimento e desenvolver capacidades de melhoria das condições sanitárias, bem como de transformação e rastreabilidade ao longo da cadeia produtiva da pecuária, com destaque, para a fileira produtiva do queijo.

Neste sentido, o Ministério do Desenvolvimento Rural está a trabalhar na construção de Infra-estruturas logísticas de apoio à produção como Centros de Processamento e de Pós Colheita; qualidade sanitária dos alimentos; melhoria das condições logísticas de comercialização; desenvolvimento da marca e certificação e organização dos produtores.



**Neste sentido fica, então, a recomendação:**



*“Para alavancar o sector do agronegócio é fundamental que se dinamize os chamados serviços de apoio ao agro-negócios, nomeadamente, os serviços de investigação, serviços de crédito agrícola, serviços de transporte, serviços de extensão rural e assistência técnica, de modo a criar um ambiente propício ao investimento no sector do agro-negócio, estimulando iniciativas privadas de agricultores/produtores que tenham visão empresarial.”*

*Carmen Costa*



Carmen Costa - Directora dos Serviços de Extensão Rural e Agronegócios

# Novos Desafios para o Agronegócio em Cabo Verde

**GCI - O agronegócio faz-se presente no sector primário, secundário e terciário. Envolve toda a cadeia produtiva do sector agro-pecuário. Como é que avalia o cenário do agronegócio em Cabo Verde?**

Carmen - De forma positiva e com um grande potencial de crescimento para os próximos anos, desde que bem orientado, no sentido de se fazer uma correcta articulação entre os vários sectores que compõem o agronegócio- a produção, o pós colheita, a indústria e a comercialização. Actualmente o agronegócio baseia-se essencialmente na comercialização de produtos frescos, sobretudo hortícolas, e na produção de alguma agro-indústria (doces com polpa de frutas, queijo, enchidos, café, licores, aguardente de cana e vinho) feita de forma artesanal e em pequena escala, com excepção de alguma industria no domínio da produção de vinho, grogue avicultura e ração. Alguns produtos como sejam o café, o vinho, o grogue, pelo seu potencial de rendimento, pela sua qualidade e especificidades ligados a factores locais e naturais, têm vindo a ser objecto de intervenções com vista à organização da cadeia de valor, e são produtos já com boa aceitação no mercado nacional e internacional. Mas, como disse anteriormente temos potencialidades e temos algumas oportunidades que deverão ser aproveitadas para o desenvolvimento do agronegócio. A evolução muito positiva do mercado turístico em Cabo Verde é um facto de maior relevância e que deverá ser vista como uma oportuni-

dade de valorização dos produtos agrícolas locais. É um mercado dinâmico, em franca expansão e com capacidade de absorver grandes volumes de compras de produtos agro-pecuários. Mas também, é importante ter presente a classe média emergente no país, sobretudo nos principais centros urbanos e que representa um mercado a ter em conta. Outro mercado a ter presente é o mercado da diáspora, que muitos já apelidaram como o "mercado da saúde", pela relação afectiva com os nossos produtos "di terra" e que se revela como um mercado de oportunidade de negócios, devido à importância que o cabo-verdiano atribui a esses produtos. Temos ainda os chamados **Mercados institucionais** (Escolas, Hospitais, Forças Armadas). São instituições do Estado que fazem compras programadas e em quantidades razoáveis. São mercados que representam oportunidades de negócio para o sector agrícola. É uma oportunidade dos agricultores melhorarem as práticas culturais, planificarem melhor a produção e se organizarem em termos de negócios.

**GCI - O que é preciso para alavancar o sector?**

Carmen - Para alavancar o sector, é fundamental que se dinamize os chamados serviços de apoio ao agronegócio, nomeadamente, os serviços de investigação, serviços de crédito agrícola, serviços de transporte, serviços de extensão rural e assistência técnica, de modo a criar um ambiente propício ao investimento no sector do agronegócio, estimulando iniciativas privadas de agricultores/produtores que tenham visão empresarial.

**GCI - As novas tecnologias agrícolas têm sido factor chave para impulsionar o agronegócio?**

Carmen - Penso que sim. O crescimento de áreas com sistemas de micro-irrigação e a introdução de novas tecnologias de produção, bem como de sementes de hortícolas de variedades melhoradas resistentes

às pragas e doenças adaptadas às condições agro-ecológicas do país, permitiram um aumento considerável da produção e dos rendimentos agrícolas. Constatou-se o alho nu uma maior oferta dos produtos agrícolas no mercado, tanto em termos de quantidade como de qualidade e diversidade.

**GCI - As políticas publicas, de momento, incentivam o desenvolvimento do agronegócio no país?**

Carmen - Diria que se está num bom caminho. Nota-se um grande engajamento do poder público no desenvolvimento do sector. Nos últimos anos, foram feitos investimentos substanciais no domínio de mobilização de água, com destaque para as barragens, o que permitiu um aumento da disponibilidade de água e a diminuição do seu custo para o uso na agricultura. O INIDA tem feito um trabalho muito meritório (embora muito na sombra) no domínio da



investigação e introdução de novas espécies e variedades mais produtivas, resistentes às pragas e doenças, adaptadas às nossas condições climáticas que, aliado à introdução de novos sistemas de produção e sistemas de micro-irrigação permitiram um aumento substancial da produção e a sua disponibilidade ao longo do ano. Numa política de melhoria da qualidade e acréscimo de valor dos produtos hortofrutícolas, o MDR tem vindo a apostar na construção de Centros de Pós Colheita nas principais ilhas agrícolas. Houve um bom investimento na construção de estradas

(estradas nacionais) facilitando o transporte de produtos para os principais centros urbanos. Todavia há constrangimentos que ainda persistem: as estradas de trilha que dão acesso às explorações agrícolas encontram-se em mau estado. Um dos pontos de estrangulamento no acesso aos mercados interno é o transporte marítimo inter-ilhas. Não há ligação frequente e regular. Os produtos agrícolas frescos são tratados como carga geral, a maior parte dos navios não é adequada para garantir um serviço de qualidade, dado que não há sistemas de frio, e muitas vezes caem no incumprimento do horário e alteração de rotas sem aviso prévio. Outra dificuldade prende-se com o crédito para financiamento das actividades agrícolas, que se adequa às características do sector (que leve em conta a sazonalidade, o prazo, a oscilação de preços e o período de carência de acordo com o tipo de cultura e de actividade) e que possa ser reconhecido e apropriado pelos produtores como uma estratégia de suprimento de recursos financeiros de incentivo às actividades agrícolas. É preciso investir em políticas públicas que promovam o investimento privado no sector.

#### **GCI - Os recursos e as taxas de juros nas instituições de créditos satisfazem os anseios do sector agrícola?**

**Carmen** - Face ao desafio que nós temos à frente com o aumento da competitividade do sector agrícola, pensamos que urge, juntamente com as instituições financeiras, estruturar linhas de créditos vocacionadas para o sector. Os agricultores/produtores têm estado a aceder ao crédito normalmente através de instituições de micro-finanças, que como tal são empréstimos de pequeno valor, dirigidos, digamos a micro-empresendedores formais ou informais de diversos ramos de actividade. Para além disso, alguns projectos do sector agrícola trazem no seu desenho linhas de crédito agrícola, destinados a financiar actividades do sector agro-pecuário e a promoção do agronegócio. Estes fundos são geridos pela Caixa Económica de Cabo Verde (CECV), com taxas de juros e períodos de carência variando conforme os projectos. Os bancos comerciais normalmente não dão crédito aos agricultores. A nossa estrutura fundiária é constituída por explorações agrícolas de pequenas dimensões e uma boa parte de agricultores trabalham a terra em regime de arrendamento, o que não permite que a terra seja usada como garantia de crédito. Hesitam em comprometer-se com o finan-

ciamento a pequenos agricultores devido ao risco e à assimetria de informações. Os pequenos agricultores podem não possuir os bens convencionais exigidos pelos bancos como garantia. Nesta óptica faz todo o sentido a criação de um sistema de garantia agrícola, já equacionado pelo Governo, de modo a dotar os agricultores de meios para aceder ao crédito bancário, melhorando assim a sua competitividade agrícola.

#### **GCI - Cabo Verde é considerado exemplo em desenvolvimento de tecnologias para a agricultura na região da CEDEAO. O que tem a dizer sobre isso?**

**Carmen** - Como sabe um dos grandes desafios de África na sua generalidade, é o aumento da produtividade agrícola, para se poder reduzir a pobreza. É consenso global de que a agricultura deve estar no topo da agenda de desenvolvimento dos países africanos e que o investimento na agricultura deve aumentar, para que os objectivos da redução da pobreza e segurança alimentar possam ser alcançados. Para atingir esse desiderato Cabo Verde tem estado a investir de forma substancial no sector agrícola, introduzindo novas tecnologias de produção, sementes melhoradas de alta qualidade nutricional e mais produtiva, para além da melhoria nas práticas culturais, de forma a aumentar a produção e a produtividade agrícola. Por isso estamos a ser apontados como exemplo na CEDEAO. Mas, é bom realçar que há países na nossa região que estão bem avançados no domínio agrícola, com os quais podemos aprender muito. Por exemplo o nosso vizinho Senegal, desenvolveu muito no domínio da transformação de produtos agrícolas, comercialização, logística e tecnologias de informação ligado ao sector agrícola. São aspectos que precisam ser trabalhados em Cabo Verde.

#### **GCI - Como é que o MDR tem posicionado dentro dos objectivos das políticas do Governo para o desenvolvimento do agronegócio?**

**Carmen** - O Programa do Governo para a VIII Legislatura tem como principal desafio, a construção de uma economia dinâmica, competitiva e inovadora. Uma das formas para atingir este desafio é o desenvolvimento da chamada “nova agricultura”, que se pretende moderna, sustentável e competitiva, capaz de satisfazer não só as demandas do nosso mercado in-

terno, como também responder aos desafios da segurança alimentar e nutricional. Neste contexto, conforme os documentos estratégicos do sector, o MDR pretende intensificar os esforços no sentido de continuar a modernizar a agricultura, mobilizando mais água através da construção de barragens e outras infraestruturas de mobilização e captação de água, de forma a expandir a superfície irrigada. É propósito ainda do MDR, expandir o uso de sistemas de produção inovadores (por exemplo estufas, hidroponia) e de micro-irrigação, visando o aumento da produção, não só em quantidade como em qualidade permitindo



melhorar o abastecimento do mercado interno e atingir o mercado turístico/hoteleiro e alguns nichos de mercado na diáspora. Para acrescentar valor aos produtos e numa estratégia de desenvolvimento de cadeias de valor pretende-se fazer uma aposta forte na construção de centros de pós colheita e de processamento de produtos hortofrutícolas, permitindo um maior controlo de condições sanitárias desses produtos. No domínio da pecuária as actividades preconizadas vão no sentido da sua diversificação, melhoramento de raças, através da inseminação artificial e da produção de pasto para a melhoria da alimentação animal. Para a construção dessa “economia dinâmica, competitiva e inovadora” a DECPR III (2012-2016), dedicou um capítulo ao agronegócio, mais precisamente ao cluster do agronegócio, o qual se estrutura em seis (6) programas, a saber: Mobilização da água e ordenamento de bacias hidrográficas; Melhoria do agro-negócio e das fileiras agro-pecuárias; Investigação agrícola aplicada e transferência de conhecimentos e tecnologias; Promoção do direito a alimentação e acesso aos serviços sociais; Consoli-

dação e requalificação ambiental; Melhoria da qualidade de vida dos emigrantes. Desses seis programas, gostaríamos de destacar aqui o programa “*Melhoria do*

Assim no âmbito deste programa para além do aumento de produção de hortícolas de raízes e de tubérculos, aumento de áreas cultivadas em estufas, o programa tem como meta ter 10 Centros de Pós Colheita e Processamento de produtos hortofrutícolas e estruturar 10 fileiras agro-pecuárias. Foram escolhidas as culturas do *tomate, alface, cenoura, pepino, cebola, mandioca, batata-comum, banana, papaia* e, no subsector da pecuária, o *queijo*. Estas culturas foram eleitas como sendo aquelas de maior potencial de rendimento e que deverão ser trabalhadas no sentido de se desenvolver todos os elos da cadeia de valor.

utos de qualidade conjugados à segurança sanitária dos alimentos, boas práticas agrícolas, são temas presentes no sector agro-industrial e terão de ter reflexo nas políticas públicas do sector agrícola. Por isso a par da mobilização de água, uma das grandes apostas do MDR, reside na criação de condições logísticas de apoio à produção, e na criação de um ambiente propício ao desenvolvimento de acções que levem à melhoria de qualidade e valorização dos produtos. Neste contexto, a construção dos centros de pós colheita constituem ferramentas importantes para a definição de um sistema de qualidade, abrangendo toda a cadeia, desde a produção ao consumo. A Direcção dos Serviços de Extensão Rural e Agronegócio (DSERA) tem em carteira um projecto onde se pretende abordar as questões das boas práticas agrícolas, boas práticas de higiene e de fabrico, padrões e parametros de qualidade, análise da qualidade, a fim de se criar um ambiente favorável à valorização dos produtos e quiçá a certificação de alguns produtos nichos, regulamentando os seus processos produtivos, de forma a facilitar a sua colocação nos mercados que assim o exigem.



*agronegócio e das fileiras agro-pecuárias*”, por ser o programa onde se põe a tónica na “linkage” com os diversos mercados e na estruturação das cadeias de valor.

### **GCI - E quanto às questões de certificação e qualidade?**

**Carmen** - Eu diria as questões de qualidade e certificação, porque a qualidade não depende da certificação mas, já a certificação depende da qualidade. De facto é algo que constitui um dos principais desafios do sector. Hoje em dia, conceitos como atrib-

bém há outros para questões mais gerais.

### **GCI - Qual tem sido o interesse dos agricultores para o sector e o que é que se tem feito para incentiva-los?**

**Carmen** - Nota-se um interesse cada vez maior para o sector agrícola e dá-nos alguma satisfação saber que há pessoas de outras áreas que estão a apostar na agricultura, sobretudo jovens. Já se começou a perceber que a agricultura é um sector que pode gerar rendimentos se for bem gerido e planeado. Acredito que os investimentos publicos feitos no sector nos últimos anos, citados anteriormente, constituem também factores de incentivo. Há outros tipos de incentivos, como a isenção de taxas aduaneiras na importação de factores de produção e equipamentos agrícolas, apoios nos trabalhos de mobilização de água nos terrenos de pequenos agricultores, formação e assistência técnica gratuita. Mas, sou de opinião que se deve estudar outros tipos de incentivos, que leve à organização e estruturação do sector, como por exemplo um fundo de garantia agrícola, o seguro agrícola de modo a motivar o investimento privado no sector e nas fileiras agro-pecuárias.

### **GCI - O que é que gostaria de destacar sobre este sector?**

**Carmen** - Gostaria de reafirmar que as acções prioritárias da DSERA, para os próximos tempos irão incidir na organização dos produtores e nas questões da valorização dos produtos agro-pecuários. A construção dos Centros de Pós Colheita irão servir de ferramentas importantes para a definição de um sistema de qualidade, e para a organização da produção e dos produtores. A estratégia é organizar os produtores/agricultores em cooperativas e/ou empresas agrícolas, à volta de Centros de Pós Colheita e processamento dos produtos, fazendo emergir empresas à montante e à jusante dos Centros (empresas de produção, de serviços pós colheita, distribuição e comercialização), focadas em actividades orientadas para o mercado. Os nossos agricultores não devem ter medo de se juntarem em organizações como cooperativas ou empresas agrícolas, porque estando organizados ganharão dimensão e força para a negociação, com vantagem no processo de inovação, diversificação e comercialização dos produtos. Só estando organizados é que serão mais competitivos e consequentemente conseguirão chegar aos mercados que exigem a regularidade do fornecimento e qualidade dos produtos.

### **GCI - Quais são os parceiros do MDR nesse processo e que papel que desempenham?**

**Carmen** - Há um conjunto de instituições que o MDR, especificamente a DSERA, deseja que sejam nossos parceiros naturais. Há o Ministério de Infraestruturas e Economia Marítima (MIEM) para a questão da melhoria de transporte inter-ilhas e estradas que dão acesso às zonas de produção; as Instituições Financeiras para a questão da definição de linhas de crédito pra o sector agrícola; A Agência Reguladora dos Produtos Farmacêuticos e Alimentares (ARFA), Instituto de Gestão da Qualidade (IGQ) para as questões da valorização dos produtos, ou seja, criação de normas, de selos de qualidade, marcas, etc; A Agência para o Desenvolvimento Empresarial e Inovação (ADEI) para as questão da organização dos produtores/agricultores em empresas agrícolas; as Universidades para a questão da investigação voltada para o sector agrícola. Esses são parceiros com os quais gostaríamos de lidar para questões mais específicas. Naturalmente que tam-



# Governo lança Prémios Agronegócios

Com o objectivo principal de estimular as grandes, pequenas e médias empresas o Governo de Cabo Verde criou os **Prémios do Agronegócio**. Prémios estimulantes que visam promover e reforçar as iniciativas privadas inovadoras e a promoção de parcerias público – privadas nos investimentos que contribuem para o desenvolvimento da produção agropecuária e do agronegócio.



*Os prémios do agronegócio compreendem 3 categorias.*

## – Projecto Inovador no sector do Agronegócio



Atribuído ao agricultor/empresa no domínio da produção agropecuária e do agronegócio com comprovada viabilidade económica e impacto social para a comunidade;

## – Jovem Agricultor

Atribuído a agricultores com limite máximo



de 35 anos, e que se destaquem na sua actividade, pelo seu engajamento na prática de actividade agropecuária e de agronegócio.

## – Mulher Empreendedora



O prémio mulher empreendedora será atribuído a mulheres agricultoras/criadoras distinguidas pelo seu empreendedorismo e adopção de novas tecnologias de produção. Os prémios são atribuídos anualmente e a sua atribuição incidirá sobre as actividades dos sectores agrícola, pecuário, florestal e o agronegócio. Ao prémio podem candidatar-se pessoas singulares que desenvolvam ou invistam na produção agropecuária e no agronegócio, designadamente os agricultores e criadores de gado e pessoas colectivas que operem no sector agropecuário, agronegócio e florestas, designadamente associações e empresas.

## Aos vencedores Serão entregues os seguintes prémios:

Ao vencedor da categoria **Projecto Inovador no sector agropecuário** será atribuído um valor máximo de **500.000 ECV**, para financiamento das actividades do projecto



e patrocínio para participar no **fórum internacional Agri-business** organizado anualmente pelo **EMRC – AGRIBUSINESS FORUM**.



Para as categorias

**Jovem Agricultor** e **Mulher Empreendedora** serão atribuídos **kit's de tecnologia** para a implementação ou alargamento das actividades do projecto, incluindo **assistência técnica especializada** para a implementação das actividades do projecto.



## Monte Negro: Empresa conceituada no ramo do agronegócio

O padrão de concorrência é o que, muitas vezes determina as regras do jogo competitivo, evidenciando as formas possíveis de concorrência que se revelam dominantes, sejam estas expressas através de preço, qualidade, habilidade de servir o mercado, esforço de venda, diferenciação de produtos, dentre outras. Dessa forma, o padrão da concorrência faz com que os agentes adotem estratégias de conduta voltadas para capacitá-las a concorrer e que sejam compatíveis com o padrão de concorrência do sector.

A título de exemplo temos a empresa agrícola Monte Negro, localizada em Santa Cruz, ilha de Santiago. Montenegro é uma empresa familiar e já conta com 47 anos de existência. A história da empresa remonta os anos 1966, com a sua aquisição por parte de Carlos Barbosa Amado e Paulino Barbosa Vicente, naturais da ilha do Fogo e residentes, na altura, na ilha de Santiago que, ousadamente, investiram nessa região da ilha.

A Empresa Montenegro ocupa actualmente uma área de cerca de 30 hectares irrigados e dedica-se à cultura da banana, cana sacarina, para a produção de aguardente e a horticultura. “Dos 30 hectares irrigados, cerca de 19 hectares vão para a produção da banana, 7 para a produção de cana sacarina e os restantes hectares, para a produção de hortaliça” diz Manuel Amado. **Manuel Amado** é Engenheiro agrónomo

é um dos proprietários da empresa Montenegro e diz estar sempre atento ao que o mercado espera dos produtores.



*“Hoje em dia o consumidor está cada vez mais exigente. Quer consumir produtos de qualidade. Isto não se aplica apenas ao que comemos mas também ao que bebemos. O grogue também tem que ser visto como algo que precisa ser feito com higiene, qualidade para que conquiste novos mercados.”*

Desde muito cedo, a empresa Montenegro se dedicou a transformação de cana-de-açúcar em aguardente. A partir de 2004 a empresa começou a produzir de forma mais comercial, dando especial atenção à questão do engarrafamento e à exportação do produto para o exterior.

Recentemente a empresa recebeu dos EUA o certificado que lhe possibilita exportar aguardente Montenegro para

esse país e depois disso já foram feitas 2 exportações para aquele país.

Montenegro decidiu dar mais um passo para a sua afirmação como uma das principais empresas agrícolas de Cabo Verde. A empresa vai albergar a primeira destilaria industrial do país que está na fase final de construção estando a sua inauguração para início do próximo ano.

A destilaria industrial de Montenegro foi construída de raiz e será totalmente equipada, para a produção de aguardente. A fábrica vai ser composta por secção da moagem, fermentação e destilaria.

Não querendo ficar por aqui, a próxima aposta da empresa será na embalagem de banana, outro produto de referência da empresa.

*“Estamos ainda na fase de negociação com uma empresa das Canárias mas o certo é que queremos levar avante esse projecto”* rematou.

A empresa está certa de que com a conquista do mercado norte-americano sairá a ganhar, não só a empresa, mas também o país. Como qualquer outra empresa, quer conquistar outros mercados.



## Cooperativa 13 de Novembro

Situada em Santa Cruz, a Cooperativa 13 de Novembro é constituída por 30 pessoas, sendo 19 mulheres e 11 homens. A cooperativa possibilita o cultivo de tomate, batata-comum, pimentão, banana, abobrinha, entre outros produtos.



A Cooperativa 13 de Novembro iniciou todo o seu processo de actividade no ano de 1973 mas devido a pouca quantidade de água viu-se obrigada a, em 1999, parar com toda a actividade agropecuária desenvolvida até então.

Com a construção da Barragem de Poilão, a Cooperativa viu uma luz no fundo do túnel. Com água de melhor qualidade e mais acessível, o sonho dos agricultores, que outrora faziam parte da Cooperativa, ganhou uma nova vida.

A 13 de Novembro de 2012 a cooperativa foi reabilitada. Partindo do zero, deu-se início a uma nova era da cooperativa. Passado já quase 1 ano depois da reactivação, o balanço é bastante positivo segundo o actual Coordenador da Cooperativa, Elísio Moreira.

À semelhança dos demais produtores do país a Cooperativa 13 de Novembro vem enfrentando problemas com o excedente de produção, pelo que a transformação é a próxima aposta da cooperativa.

Presidente da Cooperativa

13 de Novembro



## O que dizer dos pequenos produtores?

O pequeno produtor é considerado aquele que administra sua propriedade e tem os seus parentes como seus trabalhadores. Regra geral, esses produtores encontram diversas dificuldades para manter sua propriedade viável, limitações que vão desde a produção primária até a comercialização.

Porém, a situação nem sempre é uma regra. Diversas experiências de pequenos produtores agrícolas que se estruturaram de modo a serem competitivos no mercado permitem reflexões importantes acerca de estratégias eficazes para o sucesso da agricultura dos pequenos produtores.

Somados aos esforços privados, existem as ferramentas que a iniciativa pública tem para incentivar a inserção do pequeno agricultor no agronegócio. Através do fomento do cooperativismo e do associativismo entre pequenos produtores, os agricultores



conseguirão enfrentar os obstáculos de concorrência. Mais do que disponibilizar recursos através do crédito facilitado, a informação e capacitação são também um método importante a ser seguido.

Sabendo que o agronegócio abrange toda a produção, armazenamento e distribuição de produtos agrícolas, sem distinção de tamanho ou volume de produção, vê-se a necessidade de inserir pequenos produtores de forma competitiva no agronegócio cabo-verdiano, por meio de um alinhamento das necessidades e dos interesses colectivos. Sendo assim, é importante entender, a partir de alguns exemplos de sucesso, factores importantes para a inserção do pequeno produtor no agronegócio. Entender que as associações oferecem ganhos, através da acção conjunta é fundamental para o desenvolvimento do agronegócio.



# Iª Feira Internacional do Agronegócio



# Empresarialização do sector agro-pecuário em Cabo Verde



# 1ª Feira Internacional de Agronegócios



Sob o lema, **«Empresarialização do sector agro-pecuário em Cabo Verde»**, o Ministério do Desenvolvimento Rural, em parceria com a FIC e a Câmara Municipal de Santa Cruz, realizou no mês de Julho deste ano, a 1ª Feira Internacional de Cabo Verde.

A feira tinha como um dos objectivos principais dar uma maior dinâmica e promoção à empresarialização do sector agro-pecuário, a sua internacionalização, fomentar o aumento da produção, bem como aproximar os produtores locais das inovações tecnológicas e das soluções e transformações do agronegócio existentes a nível internacional, tendo como meta o crescimento e o desenvolvimento socioeconómico do sector.

Do elenco dos expositores da feira, fez parte a Cooperativa de Produtores associados em rede de Economia Solidária – PARES. Fundada em 2010 e com sede na cidade do Porto Novo/ilha de Santo Antão, conta actualmente com 90 produtores associados das mais diferentes zonas de Santo Antão.

A Pares surgiu no âmbito do projecto de desenvolvimento rural no Concelho do Porto Novo (2006-2010), que trabalhou na questão da formação dos agricultores nas vertentes agro-pecuária e transformação agro-alimentar feitos de forma artesanal. Trabalhando com o foco em contribuir para o desenvolvimento sustentável da ilha de Santo Antão, a Pares comercializa de forma regular produtos artesanais, alimentares e não alimentares dos seus sócios, comercializa factores de produção necessários para o desenvolvimento das actividades agro-pecuárias e transformação agro-alimentar, bem como promove os produtos artesanais da ilha. As áreas de actuação da Cooperativa incidem-se no fornecimento de maté-

# 1ª Feira Internacional de Agronegócios

ria-prima para a produção agrícola, transformação agro-alimentar e comercialização de produtos agro-pecuários, transformados e do artesanato.

Comercializa produtos como licores, pontches, pasta de alho de terra, néctar de manga, concentrado de limão e laranja, molhos, frutas secas, queijo fresco, curado e queijo, entre outros. Com a finalidade de melhorar as condições de trabalho dos produtores rurais da ilha, e não só, a Pares comercializa matéria-prima para a transformação agro-alimentar como frascos, garrafas de vidro, bolsas de plástico e rótulos. Para lá de exposições, vendas de produtos e workshops, a feira pretende promover o sector da agricultura e pecuária nas suas variadas dimensões de forma a contribuir para a elaboração de uma estratégia, que permita ao sector ter um novo papel no mercado, circuito comercial e turístico e deste modo, passar a ter uma actuação mais profissional e com serviços associados de qualidade. A feira esteve aberta ao público durante os 3 dias, 26, 27 e 28 de Julho, com 90 stands compostos por 65 expositores entre nacionais, espanhóis, italianos e portugueses com produtos desde frutos naturais a transformados.

Fez parte também da exposição, produtos hidropónicos, e produtos do artesanato, tais como quadros, brincos, fios, carteiras, produtos reciclados e sapatos de cortiça. O agricultor Claudino, da localidade de Boa Entrada, Santa Catarina, esteve presente na feira e considerou o momento oportuno para manter novos contactos e a procura por uma máquina de pequena dimensão para o cultivo da terra foi o motivo maior da sua ida à feira. A feira decorreu nas instalações do antigo Aeroporto na cidade da Praia, Santiago.



### Cabo Verde já tem 2 Centros Pós-colheita

Na última década foram feitos investimentos substanciais no sector agrícola, nomeadamente no domínio de infra-estruturas agrícolas de mobilização de água, os quais, têm permitido um considerável aumento da produção e da produtividade.

*O desafio actual do sector é a valorização dos recursos assim mobilizados, através da introdução de novas tecnologias de produção, transformação e comercialização, de forma a possibilitar o aumento da produção e da produtividade, a sustentabilidade agrícola, a segurança alimentar e a melhoria da qualidade de vida da população, sobretudo a rural.*



Centro Pós Colheita - Ilha do Fogo



Centro Pós Colheita - Ilha de Santo Antão



CPC Fogo - Inaugurado no dia 22 de Julho 2013



CPC Fogo - dia da inauguração

A aposta passa pela transformação do sector agrícola assente numa agricultura de negócios capaz de competir tanto no mercado interno como externo. Num contexto em que o sector turístico assume cada vez mais um papel estratégico para a economia cabo-verdiana, as cadeias de hotéis revelam-se como um mercado de grande importância na valorização dos produtos agrícolas locais, dada a sua capacidade de absorver grandes quantidades de produtos agro-pecuários, mas são cada vez mais exigentes no que toca a normas de qualidade e critérios de segurança alimentar.

É, portanto, para dar respostas a essas exigências de qualidade que surgem os Centros pós colheita. Esses Centros têm como objectivos específicos aumentar a competitividade das produções hortofrutícolas nacionais atribuindo-lhes valor, aumentar a sua quota no mercado e por consequência o rendimento dos agricultores; promover condições de integração de sectores à

jusante do sector produtivo e a consequente redução do número de intermediários, possibilitando aos agricultores mais alternativas para o escoamento dos seus produtos e dinamizar o mercado dos produtos agrícolas, promovendo-o de modo directo e efectivo junto dos principais clientes alvo.

Os Centros pós colheita têm como beneficiários os agricultores/produtores, mercado interno, cadeias de hotéis e os consumidores em geral. Com o funcionamento dos centros, espera-se que seja reforçada a componente de distribuição da produção agrícola nacional com grande impacto na regularidade do abastecimento ao mercado, e que haja uma maior promoção e dinamização de organização de agricultores e produtores, potenciando-os como uma camada empresarial forte, com melhores condições para a comercialização de produtos e eventualmente factores de produção. Os dois centros pós colheita ficam situados nas ilhas de Santo Antão e Fogo.



Formação dos potenciais futuros trabalhadores do Centro Pós Colheita





## Centro de Formação Profissional em Transformação Agro-alimentar já é realidade na ilha de Santiago



Foi inaugurado no passado mês de Julho, o Centro de Formação Profissional em Transformação Agro-alimentar na localidade de São Jorge dos Órgãos. Diversificar o sector de transformação agro-alimentar no país é um dos grandes objectivos desse Centro.

O Centro de Formação Profissional em Transformação Agro-alimentar de São Jorge dos Órgãos é fruto de uma parceria entre o Governo e a Cooperação Luxemburguesa orçado em cerca de 700.000.00 euros. Nas palavras do Administrador executivo da IEFP, Vargas Melo, “com o Centro pretende-se apoiar o sector da transformação, promover a modernização do sector de produção com as novas tecnologias, melhorar a qualidade dos produtos que chegam ao mercado e melhorar os métodos de processamento de produtos tradicionais através de técnicas modernas de qualidade.”

Com especialidades em conservação e transformação de carnes, pescados, lacticínios, frutas, legumes e bebidas, o Centro pretende ser ainda uma instituição vocacionada para a formação profissional dos jovens e/ou adultos e acção de aperfeiçoamento e especialização destinados a todos os profissionais e intervenientes do sector.



Para **Marc de Bourcy**, representante da Cooperação Luxemburguesa, o Governo deve continuar a apostar na formação profissional dos jovens de forma a aperfeiçoá-los no domínio da transformação agro-alimentar, opinião partilhada pelo Primeiro-ministro que disse que o Governo “está a apostar na promoção da formação profissional como forma de ajudar as pessoas a mudarem o mundo rural”. “Está-se a fazer uma profunda revolução

no mundo rural. Com os grandes investimentos feitos na mobilização de água e com o aumento da produção, quer-se que os agricultores passem a agregar valor ao seu produto desde a colheita até aos mercados.

No sector da transformação/agronegócio o agricultor conseguirá fazer isso” disse o **Primeiro-ministro, José Maria Neves**.

O Centro de Formação Profissional em Transformação Agro-Alimentar está localizado nas imediações do antigo Centro de Formação Agrária, actualmente Escola Superior de Ciências Agrárias e Ambientais.

A criação do Centro surgiu no âmbito do Projecto CVE/071, – Apoio ao Programa Nacional de Emprego e Formação Profissional (PAPNEFP) da Lux Development com o objectivo de desenvolver um projecto abrangente no domínio do Ensino Técnico/Formação Profissional e da inserção no mercado de trabalho. Um outro centro similar foi inaugurado no mesmo mês, em Afonso Martinho na ilha de Santo Antão.

A **Ministra do Desenvolvimento Rural, Eva Ortet** garantiu que o Centro da ilha de S. Antão, com capacidade para acolher cerca de 80 alunos em cada formação, para além de capacitar os operadores do sector, constitui uma oportunidade para que os produtos da ilha de S. Antão sejam escoados para os outros pontos do país e dessa forma desembargar a ilha.



ECCA/São Jorge - Cerimónia de Inauguração do Centro



ECCA/São Jorge - Visita guiada



ECCA/São Jorge - Transformação (Aguardente de Cana)



ECCA/São Jorge - Transformação (Carne moída) que será embalado em vacuo

# Amor incondicional



«Tudo pelos filhos!» Ana Maria tem razão...sabe o que faz. Ela que é mãe e chefe de família. Nela, encontramos uma série de resposta para tudo o que sempre quisemos saber sobre o mais puro dos sentimentos - o amor de mãe - e o arrependimento não é para aqui chamado.

Agricultora/produtora e com 7 filhos, dois licenciados, um a concluir a licenciatura e uma outra a fazer o mestrado, Ana Maria não tem pretensão de mudar o rumo dos acontecimentos ou criar uma nova ordem na sua vida, num momento em que “tudo está nos eixos”. No entanto, se conseguir colocar os outros 2 filhos, que já terminaram o 12º, na universidade já se dará por satisfeita.

Para quem está a ler fica a sensação de que a crise não passou pela casa de Ana Maria. É exactamente o contrário mas, ela não dá o braço a torcer. Ana Maria já está tão familiarizada com a crise que consegue manobrar o pouco recurso que consegue vendendo produtos transformados e não só. A sua especialidade é confecção de doces e são quase 20 sabores, para todos os gostos (cenoura, abóbada, batata doce, batata inglesa, tomate, roca, mancará, papaia, manga, goiaba, tamarindo, azedinha, banana, caju, pinhão, coco, calabaceira e leite). Ana Maria, doméstica de 56 anos, natural

dos Picos - São Salvador do Mundo, quando começou a trabalhar, para ajudar a mãe, tinha apenas 10 anos de idade e percebe bem de sacrifício. Ela teve que abandonar a escola mas, tem bem a certeza que, por mais que se tenha conhecimentos, é preciso ser uma pessoa estudada para conquistar o topo. Hoje, é muito grata à sua filha por lhe ajudar a fazer as suas contas. Para ela, tão importante quanto a experiência de uma vida dura, é o valor que dá aos estudos e ao seu mérito de conseguir relacionar a sua vivência com uma profusão de outras áreas. «**Quero dar aos meus filhos o que não tive. Educação. A Escola é tudo que tenho para lhes oferecer e, para isso, tenho que correr para todos os lados.**»

Ana Maria é membro/fundador da ADPICOS – Associação Comunitária para o Desenvolvimento dos Picos, onde é Directora do Conselho Fiscal, membro da FAMI PICOS (Caixa de Crédito), presidente da mutualidade e trabalha com a Câmara Municipal no sector de planeamento. Mas, ainda assim, sobra-lhe tempo para participar de várias formações ministradas pelo INIDA (Instituto Nacional de Investigação Agrária), sobretudo na área de transformação agropecuária e para fazer o que gosta e sabe fazer de melhor... doces para todos os paladares, para além de produção de hortícolas diversas, plantas para venda, transformação de

purga em azeite, polpa de tomate etc... Para aproveitar o excedente da produção, Ana Maria usa, também, a imaginação e a internet, para inovar e aumentar a sua oferta. Grogue de tomate é a sua mais nova inovação. E garante que a iguaria tem muita saída.

Já expôs os seus produtos em Santiago e noutras ilhas e tem garantido clientela cativa no país e na diáspora, que compram através de encomendas. Mas, a sua ambição é conquistar novos mercados. Agora, com os filhos encaminhados “é altura de pensar grande”.

O primeiro passo foi elaborar um projecto de “atelier”, que já conta com a promessa de um investidor americano para financiar uma máquina de transformação de pulga. É um começo. Esse mesmo investidor já apoiou Ana Maria com arretos e plantas fruteiras.

Essa mulher do campo garante que é feliz, que os filhos são felizes embora, já tenham sofrido muito...já tropeçou muitas vezes, caiu mas, levantou-se sempre. Se não passou por todos os estádios da dor, pelo menos já teve experiências suficientes para dizer o que diz: com conhecimento de causa, da dor, da pobreza, da fome e das noites em branco a pensar no que dar aos 7 filhos, Ana Maria diz ser uma vencedora mas, ainda com metas a alcançar.



## Ana Maria sonha por etapas



### Já diz o ditado, “devagar se vai ao longe” e Ana Maria sonha por etapas:

Quem sabe um dia... ultrapassar as dificuldades de embalagem

Quem sabe um dia ter um lugar digno para expor e vender os seus produtos.

Quem sabe, no futuro, ter uma indústria de transformação. Grande objectivo

Para Ana Maria tudo é possível... melhores tempos virão...ela acredita!!!

Se Ana Maria, por um lado, faz suas produções de forma artesanal e sonha com uma indústria, há quem já tem uma mas, enfrenta outros contratempos.

Depois de 3 anos e meio a funcionar a **Queijaria de Rui Vaz** tem sérias dificuldades financeiras, contudo, não baixa a guarda. Ainda assim, consegue uma produção diária de cerca de 200 queijos. A equipa é pequena. Com 5 funcionários incluindo 1 segurança, 1 motorista, 1 contabil-

ista e duas produtoras de queijo a indústria consegue o suficiente para manter a equipa. Nelita e Mónica Oliveira não se cansam. São verdadeiros exemplos de quem trabalha por amor à profissão. Andam cerca de 3 quilómetros por dia para trabalhar. São mais de 40 minutos a pé da comunidade até à Fábrica no alto “Monte Txota”. Neste momento, depois de 3 meses sem funcionar, devido a motivos financeiros, a queijaria está a recuperar

a dinâmica de outros tempos. Trabalha por encomenda e, também, abastece o supermercado Calú e Ângela e a pousada Quinta da Montanha mas, o objectivo é chegar à duas produções diárias (200 x 2) e conquistar novos mercados. A deslocação para aquisição de leite tem sido o maior obstáculo, já que alguns fornecedores moram em zonas de difícil acesso mas, segundo o coordenador Gualdino Semedo, a aquisição de carro mais adequado é uma ambição a curto prazo. A queijaria está orçada em cerca de 18 milhões de escudos cabo-verdianos (18 mil contos) e clama pela colaboração dos parceiros para continuar a pôr no mercado queijos de vaca frescos e de boa qualidade.



# Inclusão social em primeiro plano

Fábrica de “banana passa” ajuda na reinserção social de jovens da Granja



É a única do país e um dos muitos projectos acarinhados pela Comunidade Terapêutica Granja de São Felipe. Um projecto inovador, especial, que promove a inclusão social de mais de duas dezenas de jovens com dependência química.

Não é nenhum empreendimento viçoso, não foi feito com os mais aprimorados dos recursos, não responde aos clichés de projectos que querem dar nas vistas e nem fica num grande centro urbano. E, no entanto, tem um grande valor educacional/social - há quem admita que pode vir mesmo a ser “uma grande fonte de renda para o Centro” caso tivesse a autonomia de gerir a sua própria receita.

O facto é que a Unidade de Desidratação de Frutas, erguida em 2007 na Comunidade Terapêutica Granja de São Felipe, financiada pela Cooperação Luxemburguesa, tem outra ambição. Mais do que um objectivo comercial, a unidade tem

um domínio ocupacional, ajudando na reabilitação de cerca de 23 jovens residentes no Centro. Potencia a esses jovens, em recuperação, a capacidade de estar num ambiente de trabalho, a cumprir normas, a trabalhar em grupo, com uma só meta - o bom relacionamento interpessoal.

Esses jovens dividem os dias entre a “fábrica”, as formações e outras actividades que completam a sua ocupação diária.

A Comunidade Terapêutica da Granja funciona desde 2005 em prol da regeneração de jovens com problemas de toxicod dependência, intervindo a vários níveis. Mas, foi em 2007 que a “fábrica de banana passa” abriu as portas, como o realizar de um sonho que já contava ano e meio e abrirá, certamente, novas portas a esses jovens que já se sentem familiarizados com a rotina laboral.

Para além da interacção, a responsabilidade também é a palavra de ordem. “O produto final é bom porque os cuidados são rigorosos desde o campo, passando pelo transporte, lavagem, até a desidratação da banana a 65%”, garante Celestino, coordenador de Unidade de Desidratação de Frutas. São cerca de 30-36 horas - dia e noite-, e para cada produção são cerca de 100-180 kg de banana.

Mas, não há glória sem percalços. As duas máquinas, financiadas pela cooperação

luxemburguesa, ainda com dificuldades, dão conta do recado embora, com fita adesiva o que denuncia o fraco recurso da Unidade em manter as máquinas operacionais. As peças terão de ser importadas e, para além disso, o custo ultrapassa a disponibilidade financeira do Centro.

Ter uma fábrica é motivo de orgulho mas, mantê-la exige muita ginástica. Rigorosos trabalhos de manutenção. Exemplo: É época das chuvas - onde todos se vislumbram pela água, pelo fresco, pela comida e pelo pasto - mas, para a Unidade, a chuva trouxe uma quebra na rotina por causa da infiltração de água, estando paralisada. Mas, a sorte é que o stock está garantido até Dezembro. Para o ano logo se vê. As esperanças vislumbram-se boas.

Afinal, nós sabemos, aliás como sabem também as mais avançadas civilizações em todo o mundo, que onde há determinação e força há sempre vitória.

## E mais:

Às vezes, até mesmo o insucesso se faz presente sem nenhum motivo lógico.

Mas, com a ajuda do Centro, os jovens que saem da Granja, conhecendo os seus direitos e praticando seus deveres, hão de conhecer a superação.

E a voz que grita para que os direitos humanos sejam exercidos soará bem mais alta, pois já dizem os ditados: “A união faz a força” e “Nada existe tão alto que o homem, com força de vontade, não possa apoiar a sua escada”.



# Emprego, precisa-se

## ... O desafio da reinserção



José Pedro - Técnico de Agronomia

Que a reinserção social é um desafio difícil **José Pedro** sabe bem. Tão bem quanto o Sr. Nené da história anterior, quanto ao fulano da história seguinte. Enfim, só quem já viveu na pele sabe o suficiente sobre o assunto para deitar cá para fora e partilhar, generosamente, com o mundo tudo o que vivenciou.

José reconhece, tal como vários outros, que, por muito que ele entenda do assunto, muitas vezes é complicado traduzir em palavras o que já é difícil de entender em emoções. Há quem se recuse a falar em público mas, José humildemente se recorda de quando formou-se em agronomia em 97 na Cuba, de quando trabalhou como estagiário na Delegação do MDR de Santo Antão, sua ilha natal.

Em 99 começou a trabalhar no Agrocenro (estabelecimento que comercializa factores de produção agrícola), onde permaneceu por 1 ano. Como todos os jovens, estava cheio de ambições o que o motivou, em 2000, a participar num concurso promovido pela embaixada americana, onde foi contemplado com um contrato de 4 anos no projecto Americano ACDI/VOCA. Em 2001, no âmbito do mesmo projecto, seguiu para Tenerife, nas Canárias, para um curso internacional de rega localizada.

Foi em 2005 quando José começou a perder o controlo no consumo de álcool e abandonou 5 meses de trabalho como

paisagista no Palácio do Governo. Mas, ele tinha uma factura pesada para pagar. Ajudar no sustento das duas filhas, agora com 10 anos. Por isso, aceitou fazer a desintoxicação no Hospital da Trindade. Foram 45 dias de tratamento mas, infelizmente, os 5 anos seguidos não foram de muito orgulho. De copo a copo, sem emprego fixo e vivendo de biscates.

O fundo do poço foi em 2010. José estava doente. Não podia mais negar. Geralmente quando isso acontece todos têm a tendência de se adaptarem aos possíveis cenários e lutar. No entanto, a sua companheira preferiu sair de cena e emigrar para os Estados Unidos. O ciclo em que José vivia acelerou, ainda mais, o ritmo da sua “caída”, como ele mesmo caracteriza. 2010 ficou, então, marcado como um ano conturbado na vida José. Mas, graças aos amigos, agora lúcido, conta sua história na primeira pessoa.

Já 2011 foi o ano-luz em sua vida. Ano para nunca mais ser esquecido. José conheceu a recuperação, depois de um profundo tratamento de desintoxicação na Comunidade Terapêutica Granja de São Felipe. Foram 9 meses de muita determinação e firmeza.

**“O que me serviu de estímulo extra foi poder fazer o que de melhor sabia. Trabalhar na agricultura nos campos da Granja e isso impulsionou a minha recuperação.”**

Saiu, então, cheio de sonhos e esperanças, à procura de uma vida que encheria de orgulho às suas filhas e a si próprio. O primeiro passo foi a busca de uma colocação no Ministério do Desenvolvimento Rural.

Já lá vão dois anos. Depois de várias tentativas frustradas de trabalho, continua vivendo de biscate e debaixo de um tecto amigo na esperança de dias melhores. Segundo José, ele tem dois eixos que o influem: a preocupação do auto-sustento e o medo de uma recaída. E se isso vier a acontecer, as decepções poderão surgir, eliminando alguma confiança que, ainda, José inspira aos agricultores. Ele as filhas irão, certamente, ressentir-se.

***E Agora? Agora depois de 2 anos recuperado José sabe que nunca é tarde para recomeçar mas... e o recomeço que tarda em chegar?!***

O Segredo é ir lutando, acreditar sempre que tarde não é nunca e se adaptar aos desafios da vida. José continua frequentando Granja sempre que pode mas, agora, como um “amigo” daquele espaço. Ele sente-se seguro lá, onde deu os primeiros passos para um recomeço digno.

Continua dando-lhes apoio técnico nos cultivos e isso serve, também, como uma medida precoce para evitar o pior, pois, é certamente mais rentável do que as intervenções posteriores.

***E...não é o fim mas, esperemos que tenha um final feliz.***



Imagens da: Comunidade Terapêutica de Granja São Felipe



# Processamento de tomates

Fonte - Coleção Guias práticos do CTA, Nº 12



Centro Técnico de Cooperação Agrícola e Rural (ACP-UE) – CTA

E-mail : cta@cta.int – Site Web : www.cta.int



Os tomates são muito cultivados e utilizados em África. No entanto, em muitas zonas, trata-se de uma cultura muito sazonal, extremamente perecível assim que, no pico da temporada, a maior parte dos agricultores vende a sua cultura ao desbarato, perdendo-se grandes quantidades da cultura.

Para reduzir ao máximo estas perdas, os agricultores podem transformar os tomates em diversos produtos conservados, para

uso doméstico ou em produtos de valor acrescentado, como fonte de rendimento.

Os tomates são ricos em vitaminas e sais minerais, que são importantes para a saúde, licopeno (substância que dá a cor vermelha aos tomates) que possui propriedades anti-cancerígenas.

Aqui vão algumas dicas de como pode aproveitar o excedente de produção dessa cultura.

## Polpa de tomate

### Ingredientes

4 a 5 kg de tomates,  
azeite,  
meio pimento vermelho,  
4 dentes de alho grandes,  
1 cebola grande,  
orégãos,  
manjeriço,  
tomilho,  
salsa,  
sal e pimenta,  
uma pitada de açúcar (se os tomates forem bem maduros não é preciso).



### Preparação

Numa panela deitar um fio de azeite e a cebola cortada em meias luas.

Deixar cozinhar até estarem moles e juntar os alhos picados.

Deixar refogar um pouco, mas sem queimar e juntar os tomates partidos em quartos e o pimento e deixar cozinhar até os tomates estarem desfeitos.

Passar tudo pelo passe-vite para retirar as peles e as sementes e voltar a por na panela.

Temperar com sal e pimenta e o açúcar se necessário, e juntar as ervas aromáticas.

Cozinhar em lume médio mexendo de vez em quando, até reduzir para a metade.

Para engrossar mais depressa, pode juntar-se maizena diluída num pouco de água.

Congelar ou guardar em frascos esterilizados. Já está pronto para ser consumida.

## Ketchup de tomate

\* Para fazer 1 kg de ketchup de tomate, ponha 420 g de polpa de tomate e 150 g de açúcar num tacho grande. Misture muito bem e acrescente 300 g de vinagre, 300 g de sal, 70 g de cebola moída, 30 g de alho moído, e qualquer outro condimento a gosto, como seja pimenta moída. Misture, mais uma vez, muito bem.

\* Ferva esta mistura, mexendo constantemente com uma colher de pau.

\* Deixe a mistura arrefecer durante cerca de 5 minutos.

\* Vaze a mistura em garrafas e feche-as com cápsulas com a ajuda duma máquina

para o efeito.

\* Coloque as garrafas numa panela com água fria.

\* Continue a arrefecer o produto nas garrafas, mudando a água da panela.

\* O ketchup pode ser guardado à temperatura ambiente até um período de 6 meses, caso não seja aberto.

Utilize-o como molho para dar sabor aos seus pratos.



# Procedimento para fazer tomates em pó

## Etapa 1 – Escolha de tomates

Escolha tomates maduros, vermelhos, com uma textura firme, sem doenças nem bolores.

## Etapa 2 - Lavagem

Lave os tomates recém colhidos, num balde grande, com água limpa.

## Etapa 3 – Corte em pedaços

Corte os tomates em rodela com uma espessura de 0,5 cm.

## Etapa 4 – Secagem

Espalhe as rodela de tomates numa plataforma elevada e limpa para que sequem ao sol. Utilize um secador solar para obter



um produto com uma melhor qualidade. Para evitar a contaminação dos tomates durante a secagem ao sol, cubra-os com uma rede mosquiteira. Para produção à escala comercial, recomenda-se a secagem dos tomates por meio de ar quente.

## Etapa 5 - Moagem

Moa os tomates com a ajuda de um moinho de martelo, apetrechado com um crivo com tamanho de malha apropriada.

## Etapa 6 – Empacotamento e armazenagem

\*Ponha o pó em saquinhos de polipropileno ou de polietileno e feche-os com a chama dum vela ou utilizando uma máquina de selar e escreva nos saquinhos a data de confecção e da data de expiração, um ano após a confecção.

\*Empacote os saquinhos em caixas de cartão para evitar alterações devido à luz.

\* Armazene-os num lugar fresco e seco.



## Casquinha de laranja com gelatina



### Ingredientes:

5 Laranjas  
1 envelope de gelatina incolor sem sabor  
200 ml de água

### Modo de preparo:

• Lave as laranjas, coloque-as na geladeira até ficarem bem fresquinhas, corte-as ao meio e esprema-as, reserve o sumo, cerca de 300ml.

- Coloque as casquinhas de laranja no congelador para endurecer um pouco.
- Dissolva a gelatina nos 200 ml de água fervente e misture até que a preparação fique homogênea. Coloque o sumo de laranja.
- Tire as cascas de laranja do congelador e verta o preparado da gelatina dentro da casca.
- Coloque no frigorífico
- Quando estiver consistente é só servir!

[www.facebook.com/nutridiva](http://www.facebook.com/nutridiva)



## Gelatina é tudo de bom

O principal nutriente que encontramos na *gelatina* é a *proteína*. Dos 20 aminoácidos que existem, podemos encontrar 9 na gelatina. Um deles é o *colágeno*!

O *colágeno* é a famosa proteína responsável por deixar as unhas e os cabelos mais fortes e brilhantes, manter o tónus muscular e prevenir a celulite. Na verdade o colágeno também faz parte de outras estruturas como os ossos, as cartilagens, os tendões e a pele. Por isso os benefícios do consumo de gelatina vão além de cabelos e unhas mais saudáveis. *O corpo inteiro ganha o seu consumo!* A gelatina pode ser um aliado na prevenção e tratamento de doenças como a artrose e osteoporose. Para recuperação após cirurgias ou queimaduras também é uma ótima pedida.

Ainda, a gelatina, por conter uma grande quantidade de água, pode ser utilizada como inibidor de apetite, pois dá uma sensação de saciedade após a sua ingestão.

O único senão da gelatina encontra-se na quantidade de corantes que possa conter. Por isso *a melhor escolha seria a gelatina incolor*.

Mas, convenhamos que **o atractivo principal da gelatina é a cor!**

Então para dar cor e sabor a sua gelatina experimente mistura-la com sumos naturais. **Quer uma gelatina laranja? Misture com sumo de laranja!**  
**Quer uma gelatina roxa? Misture com sumo de uva!** Pode fazer uma sobremesa colorida e bem saudável utilizando a gelatina!

Experimente! A sua pele agradece.

Gostou?

Beijinhos e abraços da NutriDiva.

Merry  
Christmas

MDR deseja a todos um Bom Natal



Agronegócio CPLP



# I Simpósio Internacional de Agronegócio da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa SIIAGR - CPLP

Santa Maria, RS

15, 16 e 17 de abril de 2014

Local: CCR - UFSM

Portal: [agronegocio-cplp.com.br](http://agronegocio-cplp.com.br)



INSTITUTO FEDERAL  
FARROUPILHA  
Campus Júlio de Castilhos



[www.mdr.gov.cv](http://www.mdr.gov.cv)



[www.facebook.com/MDR.gov.cv](http://www.facebook.com/MDR.gov.cv)

FICHA TÉCNICA:

PROPRIEDADE: Ministério do Desenvolvimento Rural, CP nº 115 - Tel: (238) 261 5713, Fax: (238) 261 4054

EDIÇÃO: Gabinete de Comunicação e Imagem - E-mail: [mdr@mdr.gov.cv](mailto:mdr@mdr.gov.cv) - Tel: (238) 260 3844

TEXTOS: Jornalistas, Salett Tavares e Domingas Dias

IMAGENS: Ibraltino Delgado, Rider Vaz, Salett Tavares, Domingas Dias, equipa Ha Mar, Ha Terra e a CT de Granja

GRAFISMO E PAGINAÇÃO: Ibraltino Delgado